



foto: Thiago Guisiano

jornal da Reconstrução

Ano 1 | nº 2 | São Luiz do Paraitinga | 2ª quinzena / Março de 2010

As novas casas populares

Programado para ser construído em até oito meses, o novo conjunto habitacional de São Luiz do Paraitinga será um recomeço para muita gente. Após as cheias do início de janeiro, a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), do governo do Estado, aprovou a construção de 150 casas populares. As novas construções serão destinadas a quem teve sua casa destruída e também aos moradores que habitavam áreas de risco, e que receberam orientação da Defesa Civil para deixarem seus lares.

Serão erguidas 45 casas térreas e 105 sobrados geminados, com acesso pela Avenida Celestino Campos Coelho.

Para ter direito aos imóveis, as famílias devem ter renda de um a dez salários mínimos e efetuar cadastro junto à CDHU. O valor das prestações não deverá ultrapassar 15% do salário mínimo e o imóvel poderá ser pago em até 25 anos.

Duas empresas estão envolvidas nas obras: Terracom, responsável pela pavimentação e fundações, e Royal do Brasil Technologies, para a edificação das moradias. As empresas deverão contratar mão de obra no município.

Desde que perderam tudo no alagamento, muitos dos futuros proprietários das casas populares ocupam a Pousada Caravelas, a Casa da Criança Maria de Nazaré e a Capela de São Francisco, esta na Várzea dos Passarinhos. Enquanto aguardam as chaves das novas residências, eles se dividem entre as tarefas coletivas dos alojamentos.

Na Caravelas, alugada à Prefeitura, estão hospedadas 72 pessoas de diferentes bairros. Na bagagem trouxe-

ram apenas o que conseguiram salvar: algumas roupas, um ou outro eletrodoméstico, um álbum de fotos.

Fontes de renda

Orientados pelas assistentes sociais Fabiola Domingos e Ariane Gomes, os hóspedes da Pousada Caravelas já trazem planos para o novo endereço. Cacília dos Santos ocupa uns dos quartos da pousada com suas filhas gêmeas. “É bom viver onde tem gente na mesma situação que você, mas nada se compara à sua casa, ao seu espaço”, afirma.

O dinheiro que circula nos alojamentos vem de programas de assistência como Bolsa Família, Renda Cidadã e Auxílio Moradia. Além desses, o programa Novo Começo, do governo estadual, colocou à disposição de cada cadastrado R\$ 1 mil para custear a mobília da nova habitação.

Nem só da mão do Estado vem a renda. Maria de Fátima Bernardo conta que presta serviços domésticos. “Faço um preço e lavo roupas. Assim começo a juntar o dinheiro das prestações da minha casa”, diz.

O novo empreendimento de São Luiz do Paraitinga usa técnicas de construção modernas, baratas e duráveis. Cada unidade tem 66 metros quadrados de área construída, executada com materiais inovadores e que não agredem o meio ambiente.

Casa nova

As casas são montadas a partir de painéis de PVC, preenchidos com concreto. O PVC é um material altamente resistente a agentes externos, como a chuva, vento, alterações térmicas, erosão natural ou a ácidos e combustíveis,

além da fácil manutenção. O telhado, de quatro águas, é de telhas de barro, o que propicia isolamento térmico e ventilação. As residências receberão esquadrias de qualidade para as janelas e portas. No chão, pisos de cerâmica integram o conjunto da obra.

As casas térreas terão três dormitórios, sala, cozinha e banheiro; os sobrados serão de dois dormitórios e há possibilidade de ampliação, a critério do morador. As tubulações elétricas e hidráulicas, bem como o arruamento e canalização de esgotos, seguem as es-

O arquiteto Thiago Ferrari, da Royal, diz que o conjunto habitacional será um exemplo para outras construções populares no tocante à tecnologia empregada e ao custo final. Enquanto uma equipe edifica os painéis de PVC, outra se encarrega de preenchê-los de concreto – e isso acelera a conclusão.

De acordo com Cristiane Bittencourt, assessora de Planejamento da Prefeitura, o processo de retirada da terra do local das obras tem aprovação da Cetesb (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo). O material

foto: Chinica Medeiros



Arquitetura de morar: o novo conjunto habitacional, próximo ao bairro do São Benedito (ao fundo)

pecificações da CDHU. Todas as residências terão painéis de energia solar. Na parte externa da cada lote sobrá espaço para garagem e varanda coberta. Sem portões, as residências do novo conjunto terão fachadas inspiradas nas casas do Centro Histórico.

é colocado em bairros do município, conforme pedido dos proprietários dos terrenos. Antes de liberar os deslocamentos, a Cetesb verifica se o lugar é adequado e se o despejo não causará impacto negativo no meio ambiente. Só então, autoriza.

Semana Santa de fé e solidariedade

Este ano será de muitos desafios para São Luiz do Paraitinga manter suas raízes e preservar suas tradições. Depois de ver destruída boa parte da cidade e de perder sua Igreja Matriz, a comunidade busca retomar o calendário religioso. E tanto a paróquia como a Prefeitura procuram fazer com que os festejos continuem sendo realizados.

Mesmo tristes com o desmoronamento da Matriz e da Capela das Mercês, os luizenses não perderam a fé e acreditam que tudo se normalizará. “Fui criado aqui e sempre fui devoto de São Luiz de Tolosa”, diz Luiz Rogério da Silva, de 63 anos. “Casei-me na Igreja do Rosário e meu filho foi

batizado na Matriz. Lamento o que aconteceu, mas sei que em breve tudo voltará ao normal.”

Os eventos religiosos são uma tradição na cidade e servem como referência também para os turistas que participam de celebrações. A Semana Santa será o primeiro evento realizado depois da enchente, e a preocupação em relação a essa manifestação religiosa é que ela, aos poucos, se torne tão marcante quanto as cerimônias do passado recente.

A Semana Santa luizense deste ano começa no sábado (27/3), com a Procissão do Depósito, quando a imagem do

Senhor dos Passos será levada pelas ruas. No domingo (28), os devotos poderão acompanhar a Procissão do Encontro, ocasião em que as imagens de Nossa Senhora das Dores e do Senhor dos Passos também percorrerão as ruas da cidade, encontrando-se na Praça da Matriz. Este é um momento de muita emoção.

Os festejos prosseguem com a malhação de Judas e a leitura de seu testamento, no Sábado da Aleluia (3/4). No Domingo da Páscoa acontece o principal rito de religiosidade popular, com a coroação de Nossa Senhora das Dores. A imagem luizense, perdida entre os escombros Matriz, será substituída

por outra, emprestada. A festa só terminará na segunda-feira (5/4), com as festividades dedicadas a São Benedito.

Para a festa e as procissões da Semana Santa, o vigário da Paróquia de São Luiz, padre Edson Carlos Alves Rodrigues, buscou apoio em Tremembé. A paróquia daquela cidade emprestou imagens e outros objetos sacros, já que os de São Luiz ou ainda não foram encontrados, ou foram levados para restauração. Padre Edson Carlos disse que as cerimônias só poderão ser realizadas porque a igreja contou com a ajuda da comunidade, comprometida em preservar suas tradições. Como era de se esperar, aliás.

Editorial



o que fazer

Três meses transcorreram desde o desastre do início do ano, quando as águas do Paraitinga invadiram a cidade e a zona rural, deixando um rastro de destruição por onde a correnteza passou. Nesses período de tempo, pequeno na dimensão histórica, muita coisa foi feita para aliviar o sofrimento causado pela tragédia. A comunidade reagiu, não entregou os pontos, deu exemplos de coragem, mas todos sabemos que ainda há muito a ser feito.

Por sabermos longo o processo de reconstrução, é hora de explorar o que os moradores de São Luiz têm de melhor: a solidariedade e seu amor pela cidade. Esses atributos podem ser encontrados tanto em representantes do poder público como nos habitantes do centro ou do bairro distante; no descendente de antigas gerações luizenses como no morador recente que se apaixonou pela cidade e pelo seu povo.

O trabalho que temos à frente é maior do que as determinações dos partidos políticos, das crenças religiosas ou dos interesses individuais. Implica um esforço conjunto, suprapartidário, com foco no interesse público, a ser tocado com transparência e num ambiente de informação democrática.

Os desafios não são poucos, os problemas a enfrentar são inúmeros, mas a causa é justa. O que resultará da reconstrução que já começou será uma outra cidade – que todos queremos melhor e mais sustentável.

Expediente

Editor: Luiz Egypto de Cerqueira
Secretária de redação: Ângela Loures
Chefe de reportagem: Judas Tadeu de Campos
Arte e diagramação: Renata Maria Monteiro,
Alunos voluntários: Maria Clara de Carvalho, Felipe Guerra, Pedro Funchal (texto); Vanessa Cunha (texto e diagramação)
Colaboradores: Chinica Medeiros, Luciano Dinamarco, Priscila Bordon, Tom Maia; Câmara Municipal de Taubaté

O *Jornal da Reconstrução* é um projeto de extensão do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté e órgão informativo da Câmara de Desenvolvimento Socioeconômico de São Luiz do Paraitinga.

Coordenadores:
 Edson Wanderley Alves (UNITAU)
 José Xaides de Sampaio Neves (UNESP-Bauru)
 Maurício Dellamarco (UNESP-Guaratinguetá)

Jornalista Responsável: Ângela Loures
 MTB 173/01/87v DRT-MS

Tiragem: 2.000 exemplares



unesp

apoio gráfico

imprensa oficial

Como reconstruir um patrimônio

As construções históricas de São Luiz sofreram muito com a enchente. A parte central da área urbana é tombada desde 1982 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat), órgão subordinado à secretaria estadual da Cultura. De lá para cá, São Luiz converteu-se na cidade paulista com o maior número de imóveis tombados pelo patrimônio histórico.

Isso não é pouca coisa. Tanto que outro órgão vinculado ao patrimônio, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), este federal, estava ultimando novo processo de tombamento da cidade, agora mais abrangente, quando todos foram surpreendidos pelo desastre.



Capela das Mercês: desenho em bico de pena de Tom Maia, 1976

Os imóveis históricos luizenses têm uma característica que os difere dos seus semelhantes em cidades também antigas como Paraty (RJ) e Tiradentes (MG). Aqui, a esmagadora maioria desses imóveis é habitada por famílias. São residências.

Devido aos graves danos causados pela enchente, e motivado pela urgência dos cidadãos em iniciar as obras de seus imóveis, o Condephaat instalou em São Luiz uma unidade de atendimento para despachar com mais rapidez as autorizações para as devidas reformas nessas propriedades.

Antes de iniciar qualquer intervenção num imóvel tombado pelo patrimônio, os proprietários ou responsáveis devem procurar Condephaat. Ali, uma equipe

de arquitetos vai auxiliar na formação dos projetos, avaliar cada caso e, se necessário, produzir o laudo técnico que acompanha o pedido de autorização para a obra de reconstrução.

Esse laudo é a garantia de que as obras seguirão os critérios necessários para a manutenção da arquitetura original da cidade. As técnicas construtivas podem até ser modernas, mas o conjunto arquitetônico deverá ser preservado, pois faz parte da identidade cultural da cidade.

A unidade do Condephaat funciona na Casa de Oswaldo Cruz (Rua Oswaldo Cruz, nº 4), mas em breve deverá se transferir para as instalações do Ceresta, na Praça da Matriz.

Tombamento

São Luiz tem 426 imóveis tombados pelo patrimônio. Destes, 18 foram arruinados e 65 sofreram algum tipo de avaria. A arquiteta Lara Melo Souza, que trabalha na Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico (UPPH) do Condephaat em São Luiz, diz que os imóveis devem ser avaliados "parede por parede". Ela afirma que "é possível diminuir os caminhos burocráticos, mas não os técnicos", para completar que "é importante que se faça um bom trabalho para a conservação do patrimônio histórico na cidade".

São Luiz é uma cidade que tem o privilégio de possuir uma arquitetura preciosa, com belas edificações. E as pessoas que nelas vivem fazem toda a diferença.

Lições que vieram de Goiás

Nos momentos seguintes à tragédia do início do ano, os técnicos do Iphan chegaram a São Luiz para fazer os primeiros diagnósticos e dimensionar as ações imediatas. Ali foram definidas três frentes de trabalho, que são tocadas desde então.

A primeira delas foi a instrução para o tombamento federal – procedimento em andamento havia três anos – por meio de estudos elaborados por arquitetos e historiadores. Em função da enchente, os trabalhos já realizados precisaram ser revistos e adequados à nova realidade. De todo modo, espera-se que o reconhecimento oficial aconteça ainda no primeiro semestre de 2010. Esse compromisso foi assumido pelo presidente do Iphan, Luiz Fernando de Almeida, quando de sua visita à cidade.

Serviços emergenciais

O tombamento possibilitará ao Iphan ampliar as bases legais para o apoio direto na reconstrução da cidade, além de elevar São Luiz do Paraitinga ao patamar de Patrimônio Cultural Nacional.

A segunda frente de trabalho tem

a ver com o PAC-Cidades Históricas, um programa de planejamento e ordenação de ações relativas ao patrimônio cultural propostas por diversos órgãos governamentais, ao qual Prefeitura do município aderiu na última semana de janeiro.

Por meio desse procedimento será possível aperfeiçoar a aplicação de recursos públicos e privados, direcionar os esforços das instâncias de governo e da sociedade civil, e promover a preservação e a disseminação do patrimônio cultural da cidade. A comunidade poderá acompanhar de perto esse processo.

A terceira frente de trabalho diz respeito à atuação, em campo, da equipe técnica e das empresas contratadas pelo Iphan. Foi constituído um Grupo de Trabalho Emergencial (GTE) para o apoio direto ao escritório técnico provisório instalado Casa de Oswaldo Cruz, e que em breve vai se mudar para a Praça da Matriz.

As equipes têm dado orientação técnica à população, participam de definições sobre a reconstrução da cidade e acompanham os serviços emergenciais. Foi contratada a Construtora Biapó, que trouxe para São Luiz a experiência

acumulada na reconstrução da cidade de Goiás (GO), que também sofreu uma enchente violenta, em 2001.

Igrejas primeiro

A Biapó cuida dos serviços de escoramento, limpeza e salvamento de imóveis dentro da área histórica atingida pela enchente. A primeira preocupação das equipes foi a execução desses serviços nas igrejas Matriz e das Mercês – só depois ampliaram a atuação para outros imóveis do conjunto histórico. Vinte dessas construções estão nos planos imediatos. A empresa trabalha com mão de obra contratada no município.

A atuação do Iphan tem o objetivo principal de apoiar ao restabelecimento da vida urbana de São Luiz do Paraitinga, com a presteza e a qualidade desejada por todos. As ações de educação patrimonial, envolvendo a comunidade, também farão parte desse processo.

No tocante às duas igrejas destruídas, estão previstas exposições de objetos recuperados nos trabalhos de limpeza e apresentações públicas seguidas de discussões sobre os procedimentos adotados. A comunidade joga um papel muito importante nisso tudo.

As preocupações da prefeita

Nem nos seus piores pesadelos a prefeita de São Luiz do Paraitinga poderia imaginar o drama que marcaria o primeiro aniversário de sua gestão à frente do governo municipal. A enchente que traumatizou a cidade em 1º de janeiro colocou Ana Lúcia Bilard Sicherle no meio de um furacão que parecia não ter fim.

O que passa pela cabeça do administrador público diante de um desastre das proporções do que se abateu sobre a cidade nos primeiros dias de 2010? “No primeiro momento é um desespero, uma sensação de estar sozinha, sem comunicação com a zona rural e sabendo que havia pessoas isoladas, em dificuldades”, lembra Ana Lúcia. “Na cidade todo mundo se mobilizou, um ajudou o outro, mas a aflição maior era saber como estavam as pessoas nos bairros. Só no dia seguinte chegou um helicóptero para dar apoio.”

Ana Lúcia e sua equipe foram obrigados a resolver muitas coisas ao mesmo tempo, tudo era urgente – tudo “pra ontem” – no caos que se instalou. A prefeita despachava na Praça da Matriz, não havia infraestrutura alguma, os arquivos da Prefeitura foram destruídos. Ainda assim, “com tudo isso a gente aprendeu muito”, diz Ana. “Os funcionários da Prefeitura estão mais unidos. Muitos deles também perderam tudo, mas não pensaram apenas em si: continuaram trabalhando e só depois foram ver os seus próprios problemas.”

Dragagem e contenção

Passados três meses do desastre, as ações estão mais organizadas, embora os desafios a vencer ainda sejam muito grandes. Por isso, permanecem as preocupações da prefeita: “Minha maior atenção hoje é com os idosos, pois é uma situação bem difícil para eles”, diz. “Temos que pensar nos idosos que não puderam voltar para suas casas e também nos da Vila Vicentina, que estão em Taubaté e só poderão retornar quando a Vila estiver toda limpa e pintada. Isso deve acontecer ainda neste semestre.”

O maior problema agora é conseguir os recursos para que a cidade volte a funcionar em todos os seus segmentos, girando a roda da economia. Não faltaram recursos nem apoios para executar os projetos emergenciais, mas Ana Lúcia sabe que a partir do dia 5 de abril, quando termina a vigência do estado de calamidade pública, os processos de liberação podem se tornar mais burocráticos e os recursos levarem mais tempo para chegar à cidade.

Outro empecilho deve-se ao fato de ser este um ano eleitoral, e a legislação impede que se assinem novos contratos a partir de abril, ou seis meses antes das eleições de outubro. “Se esses recursos não vierem a tempo para um município que teve tantos prejuízos, me preocupa como vamos superar tudo isso. Não estamos cobrando o IPTU por tempo indeterminado e, com o comércio abalado, caiu a arrecadação do Imposto Sobre Serviços (ISS)”, afirma a prefeita.

Com o governo estadual foram assinados todos os convênios; com o governo federal falta um, muito importante, já encaminhado à Secretaria Nacional de Defesa Civil do Ministério da Integração Nacional. Este é um projeto de dragagem do Rio Paraitinga, reforma e reforço da segurança da ponte principal da cidade, e construção de muros de contenção na margem do rio em toda a área urbana. “É uma obra cara e que precisa de especialistas para ser tocada”, diz Ana Lúcia. “Ainda estamos aguardando a resposta.”

Casas populares

Entre as ações em andamento está a construção de 150 casas populares [veja a matéria de capa desta edição]. As obras começaram logo e a prefeita conta que isso só foi possível graças à aprovação do Plano Diretor do município, que estabeleceu áreas consideradas de interesse social. Desde 2006, a comunidade participou intensamente das discussões do Plano Diretor até que o documento foi aprovado pela Câmara Municipal, em 15 de dezembro de 2009.

“Cada um ajudando à sua maneira, vamos reconstruir a cidade”

“Até abril serão entregues as primeiras 18 unidades”, informa Ana Lúcia. “Terão prioridade as pessoas cujas casas caíram com a enchente e aquelas que estavam em áreas de risco.”

Zona rural

Os 730 quilômetros de estradas vicinais do município sofreram muito com as fortes chuvas e, nessas condições, é difícil mantê-las em boas condições de tráfego. Passados os piores momentos, Ana Lúcia informa que o transporte escolar foi regularizado e que a Prefeitura está trabalhando com

a Companhia de Desenvolvimento Agrícola de São Paulo (Codasp) na recuperação da Estrada do Chapéu. “A Codasp só vai sair do Bairro do Chapéu quando a estrada estiver pronta. Depois eles vão para o Bairro do Pinga, depois para os bairros próximos.”

Em caráter emergencial, o municí-

primeira cidade do interior a aplicar o programa “Novo Começo”, que já beneficiou dezenas de moradores. A prefeita informa que recebeu do governo estadual dois microônibus, duas camionetes para a cozinha-piloto e duas Kombis. O Estado comprometeu-se ainda a entregar à cidade uma nova bi-



Ana Lúcia: “Nosso povo é guerreiro”

pio recebeu do governo do Estado R\$ 1,5 milhão para serem aplicados na zona rural. Com esses recursos, a Prefeitura comprou uma motoniveladora, uma retroescavadeira e uma pá-carregadeira, dois caminhões-basculantes e um caminhão de lixo. Ana Lúcia lembra que seu vice, José Dias dos Santos, morador do Bairro de São Sebastião, “ficou emocionado de a gente ter conseguido esse maquinário, porque há 26 anos a prefeitura não tinha equipamentos para a zona rural”.

Aprimorando conhecimentos

“Antes da enchente, a cidade estava no pique, a economia crescia, todos iam bem. Estávamos que nem pé de jabuticaba, todo mundo grudado. Aí veio um desastre e chacoalhou todo mundo”, diz a prefeita. Mas Ana Lúcia confia na união e no espírito de solidariedade dos moradores de São Luiz. “Nosso povo é guerreiro”, reconhece. “Minha preocupação é que as pessoas tenham paciência, porque não dá para mudar tudo de um dia para o outro.”

Ela lembra a ocorrência de conflitos localizados com relação às doações, porque algumas pessoas queriam mais do que estava disponível no momento. “Adotamos o critério de dar prioridade aos que mais precisam.”

Além do auxílio moradia, bancado pelo governo do Estado, São Luiz é a

bioteca e uma escola de música, além da recuperação do antigo prédio da Prefeitura e do Mercado Municipal.

Na área de educação, a rede municipal de ensino conta com o apoio do Serviço Social da Indústria (Sesi) na formulação de currículos, material pedagógico, supervisão e cursos de aperfeiçoamento para professores. A antiga Escola Normal, onde funcionou a primeira escola do Sesi em São Luiz, será reformada pela entidade e ali serão ministrados cursos profissionalizantes.

Futuro

E qual cidade a prefeita quer entregar ao final do seu mandato? “Eu quero uma São Luiz com novas escolas, com uma nova biblioteca. Quero que a comunidade conheça a nossa situação com relação às chuvas, que tenha conhecimento maior sobre nossa bacia hidrográfica”, diz Ana Lúcia. “É mais: que a nossa zona rural respeite as áreas de preservação permanente (APP), que seja replantada toda a mata ciliar do nosso rio e que possamos usar esse rio também como um atrativo turístico.”

Há muitos obstáculos a enfrentar, muitas são as frentes de trabalho. Mas a prefeita está confiante: “A gente passou por uma fase muito difícil, mas graças a Deus já dá para ver uma luz no fim do túnel. Uma luz acesa”.

Canções por São Luiz

A dupla sertaneja Zezé de Camargo e Luciano realizará um show beneficente no Credicard Hall, em São Paulo, com renda revertida para a manutenção do calendário festivo e cultural de São Luiz do Paraitinga. O evento está previsto para abril, em data a ser confirmada.

Apoio ao turista

O Ministério do Turismo anunciou a liberação de R\$ 1 milhão para a construção de um centro de informações e melhoria da sinalização turística da área rural e urbana de São Luiz do Paraitinga. Bem-vindos, turistas!

Conselho na ativa

O Conselho Municipal da Cultura (Comtur) foi reativado no município e decidirá, junto com a Prefeitura, as ações prioritárias na área de turismo. O grupo reúne empresários, ONGs, representantes do poder público e agentes culturais.



As chances de um novo desastre

foto: Luciano Dinamarco

O risco de uma nova enchente, como a que atingiu São Luiz do Paraitinga no início deste ano, pode ser comparado a um jogo de dados. A afirmação é do professor Kokei Uehara, considerado o maior especialista do Brasil em Hidrologia, ciência que estuda a ocorrência, a distribuição e a circulação da água na natureza – o que inclui o estudo do transbordamento dos rios.

Aos 82 anos, o professor Kokei está em plena atividade. Professor emérito da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), doutor *honoris causa* – o mais importante título acadêmico – pela Universidade de Osaka, no Japão, Kokei foi durante 13 anos representante do Brasil para assuntos de hidrologia junto à Unesco, organismo das Nações Unidas dedicado à educação, ciência e cultura. O mestre presta assessoria ao grupo de trabalho que estuda as medidas a serem tomadas no caso de ocorrer outras chuvas intensas na bacia do Rio Paraitinga.

Vida trabalhosa

Kokei teve que batalhar muito para chegar a ser uma das maiores personalidades científicas no Brasil. Nascido no Japão, veio para cá com 9 anos, em 1936, indo morar em Promissão (SP). Lá trabalhou vários anos “na enxada e no arado”, como recorda, antes de ir para São Paulo cursar engenharia na Escola Politécnica da USP. Sua família continuou pegando no pesado na roça para poder sustentar seus estudos na capital.

Ele informou que a bacia do Rio Paraitinga tem cerca de 2 mil quilômetros quadrados. A montante (isto é, acima) da cidade de São Luiz, no centro geográfico da bacia, existe um pluviômetro.

O instrumento registra a quantidade, duração e intensidade das chuvas caídas em determinado lugar. No fim do ano passado, esse aparelho registrou 174 milímetros de chuvas num período de 24 horas. Segundo o professor Kokei, foi uma rara quantidade de água, que na cidade de São Paulo cai a cada 300 anos e em Taubaté, a cada 500 anos.

Em relação a São Luiz, o professor informa que ainda não existem dados suficientes para se fazer alguma previsão, mas, em qualquer caso, a probabilidade de ocorrência de uma nova inundação pode ser comparada a um jogo de dados. No dado comum, existem apenas seis faces; já o dado das enchentes possui múltiplas faces. Assim, disse o professor, a repetição de um número no jogo tanto pode demorar a ocorrer, como também pode se dar no próximo lance.

De acordo com essa teoria, uma nova enchente – como a do início de 2010 – tanto poderá acontecer daqui a 80 ou 100 anos como se repetir no final da estação das chuvas de um dos próximos anos. Tudo depende da imponderável conjunção dos fatores capazes que provocar um desastre desse tamanho.

Medidas de prevenção

O professor Kokei disse que os trabalhos que ele está assessorando preveem medidas de curto, médio e longo prazos. Uma delas depende do levantamento que o DAEE (Departamento de Águas e Energia Elétrica) está fazendo para definir o perfil das enchentes periódicas do Paraitinga. O DAEE está estudando a vazão na calha da bacia, buscando saber o que atrapalha essa vazão e o que fazer para

evitar os danos causados mesmo por chuvas de menor intensidade.

Já a Prefeitura, em parceria com o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), trabalha para monitorar a quantidade de chuva que cai a montante da cidade. Trabalha igualmente na articulação das medidas de retirada segura das pessoas, quando houver risco de nova inundação no município. O foco é na prevenção.

De acordo com o professor Kokei, as águas de uma inundação como a do início do ano levam cerca de 20 horas para chegar à zona urbana. Ele acredita ser um tempo suficiente para que as autoridades tomem as providências para preservar a vida das pessoas. Mas essas medidas sozinhas não bastam, segundo ele. Será preciso também fazer obras de contenção em toda bacia, além do seu reflorestamento.

Rio abaixo

Para o arquiteto Witold Zmitrowicz, professor de da Escola Politécnica da USP e integrante da equipe que trabalha no município, a principal solução para a prevenção das enchentes passa pela construção de barragens a montante da cidade, além das medidas preventivas no centro urbano, principalmente nas áreas ao longo das margens do rio.



Bonecos sobreviventes: a força da tradição para recuperar a cidade

Para ele, que também é diretor de Planejamento da Prefeitura de São Paulo, da mesma forma há necessidade da realização de obras que facilitem o escoamento das águas a jusante (ou seja, rio abaixo) da cidade. Como o aumento da vazante na barra do Rio do Chapéu, por exemplo.

Anjos e heróis do rafting

Não era um campeonato, não era um treinamento nem um passeio rotineiro com turistas pelas corredeiras do rio. Na manhã de 1º de janeiro, as equipes de rafting se posicionaram para uma expedição que seria diferente de todas as outras. Era o esporte a serviço da vida; o bote, a tábua de salvação.

Em São Luiz do Paraitinga o esporte é praticado por atletas e turistas que encontram no rafting a maneira de aliviar a tensão provocada pela rotina do dia a dia. Mas as fortes chuvas mudaram os planos e os atletas, acostumados a levar passageiros aficionados pela aventura, naqueles dias transportavam pessoas sob risco de vida.

As técnicas usadas no rafting foram muito úteis para resgatar moradores isolados pelas águas. Por se tratar de uma prática coletiva, é preciso que o esportista treine regularmente para ter o domínio da embarcação sobre a correnteza. E, naqueles dias, as equipes estavam em grande forma. Enfrentaram os perigos porque conheciam bem o rio e salvaram muitas pessoas.

Hélio Alexandre de Sousa, que pra-

tica rafting desde 1998, naquela manhã remou como nunca. A água subia a cada momento, mas a correnteza ainda não estava tão forte. Hélio e seus amigos Léo, Claudemir, Carlos, Guilherme e outros voluntários ajudaram a colocar a salvo pessoas em áreas de risco. Mas passaram por grandes apertos. Na Várzea dos Passarinhos, por exemplo, foi preciso serrar o portão de uma das casas para o bote se aproximar; e depois retirar pelo telhado um morador que estava doente, de cama.

Em outro ponto da cidade, crianças



foto: Priscilla Bordon

estavam receosas de subir no bote. Hélio conta que notou o medo em seus rostos, parou um instante de remar e puxou a canção: “Quem me ensinou a nadar/ quem me ensinou a nadar/ Foi, foi, marinheiro/ Foi o peixinho do mar”. Funcionou: timidamente as crianças começaram a cantar, engrossaram o coro e embarcaram no bote salvador. “Fiz o que devia ser feito”, diz Hélio.

A atitude dos praticantes de rafting chamou a atenção da população de São Luiz, que ficou muito agradecida pelo empenho desses jovens. Eles tiveram um papel muito importante, salvaram muitas vidas. E a comunidade reconhece o seu valor.

Residente no Bairro do Órris, Maria de Lourdes, de 61 anos, no dia 31 de dezembro encontrou o Rio Paraitinga no quintal de sua casa. Ela achou que não subiria mais do que aquilo.

Nos dias seguintes, a coisa desandou: a enchente que já era grande tornou-se violenta, Dona Maria teve a casa inteira

atingida. E logo conheceu a rapaziada do rafting. “Eles foram verdadeiros anjos e tiveram todo o cuidado do mundo para nos ajudar. Eles nos diziam palavras de confiança, pedindo que acreditássemos no que estavam fazendo.”

Depois que as águas baixaram, a assistência continuou. “Desde o dia em que voltei para casa, três anjos e suas famílias têm nos ajudado a limpar a casa”, diz Dona Maria, apontando para os jovens que a ajudavam na faxina.

Ali perto fica a chácara Nossa Senhora das Brotas, que serviu de abrigo improvisado a nada menos que 56 pessoas. A água cobriu o acesso à casa, mas não chegou ao quintal da residência. Os proprietários Hélio Ozório e Benedita Pereira, produtores de queijo, lembram que os praticantes de rafting levavam alimentos diariamente à chácara. “Eles nos traziam os mantimentos, separávamos 10 litros de leite para consumo do grupo e entregávamos outros 40 litros para que fossem distribuídos na cidade”, disse Ozório.

Parecia que haviam treinado para isso. Como só os melhores tripulantes de um bote sabem fazer.

Esporte coragem: a comunidade agradecida às equipes de rafting